

CRENÇA E FÉ À LUZ DA PSICANÁLISE

Celia Morgado Vaz¹

Resumo:

Entendendo que fé e crença são fenômenos correlatos, busca-se, a partir dos conhecimentos da Psicologia e teorias da Psicanálise estabelecer definições, assinalar semelhanças e diferenças, de forma que se possa constituir as necessárias delimitações entre crença e fé. Busca-se, dessa forma, caracterizar os processos psicológicos envolvidos no ato de crer e no sentimento de fé. Enseja-se melhor entender como a crença se origina, se desenvolve e atua no psiquismo humano, tomando por base as teorias freudiana e winnicotiana, a partir da elaboração feita por autores como Octave Mannoni, Mario Aletti e Elisa Cintra. No passo seguinte, busca-se aprofundar a compreensão sobre a fé, com a intenção de discernir se a fé é um produto da crença primária, estabelecida na primeira infância, ou se ela se constitui como uma outra instância, com funcionamento próprio. A pesquisa avança na busca das condições favoráveis para estabelecimento da fé no adulto.

Palavras-chave: fé, crença, psiquismo humano, psicanálise.

Introdução

Busca-se aqui uma maior compreensão da crença em relação ao psiquismo humano. Em primeiro lugar, foca-se na constituição da crença, conforme o ponto de vista de diferentes psicanalistas para, no momento seguinte, estabelecer suas interfaces com a fé. A visão do criador da psicanálise, Sigmund Freud, é ponto de partida, pois trata-se de base para as outras tantas visões que se seguem, seja no sentido de completá-la, trazendo mais luz para o tema, seja no sentido de criar novas proposições a partir do alargamento, em compreensões originais, dos conceitos e teorias psicanalíticas.

Assim, a figura da mãe ganha destaque na visão do psicanalista inglês Donald Winnicott, deslocando a proposição da crença enquanto derivada da relação com o pai, proposta por Freud. Muda o foco do personagem com o qual se liga a crença, mudando também a referência quanto ao momento em que ela se estabelece no psiquismo humano. Para Freud, a crença se deve principalmente à solução da crise do Édipo, enquanto para Winnicott, a crença deriva da confiança básica constituída com a mãe suficientemente boa. A Psicanalista Anna-Maria Rizzuto se dedicou a estudar como se funda a representação de Deus

¹ Celia Morgado Vaz - Psicóloga clínica, licenciada em Psicologia, pós-graduada em História do Cristianismo Antigo, mestranda em Ciências da Religião na PUC Goiás. celia@celiamorgado.com.br

no psiquismo humano, fazendo uma leitura crítica da obra de Freud. Sua pesquisa realizada através da psicanálise de crianças, mostra que a representação de Deus é derivada da representação psíquica dos pais, como propôs Winnicott, mas ganha diferente destino, dependendo da solução do Complexo de Édipo, conforme pensava Freud.

Finalizando, os psicanalistas Octave Mannoni e Elisa Cintra expandem a visão psicanalítica da crença, propondo uma explicação para o fenômeno da fé, a forma adulta da crença, segundo os seus achados.

1 Constituição da crença

1.1 Visão da Psicanálise freudiana

Embora o criador da psicanálise se autodenominasse um judeu ateu, tratou o tema da religião de forma bastante ampla; seja de maneira indireta, relacionando a religião à neurose, através de estudos de casos da sua clínica, seja de maneira específica, tendo dedicado principalmente três ensaios à religião: *Totem e tabu*, de 1913, *O futuro de uma Ilusão*, escrito em 1927 e *Moisés e o monoteísmo*, o último deles, escrito em 1939, pouco antes da sua morte.

Em *Totem e tabu* faz uma extensa elaboração sobre as religiões primitivas e apresenta alguns consideração sobre a origem da crença, entretanto, é no texto *O futuro de uma Ilusão* que discorre mais sobre o assunto. Raciocinando sobre a importância da civilização para o controle da agressividade natural do ser humano, Freud afirma que talvez as idéias religiosas constituam “o item mais importante do inventário psíquico de uma civilização” (1974a, p.25). Entretanto, Freud não considerava a religião como algo de valor, pelo contrário, sua visão era bastante crítica e pessimista. Classificava a crença como ilusão, ou seja, algo desprovido do poder de verificação, sem atrelamento à realidade, nascido do desejo humano. Freud, enquanto positivista, valorizava as pesquisas passíveis de comprovação, o que dava o peso de cientificidade que exigia para o seu próprio trabalho, e considerava inferior ao que não cabia verificação. Embora isso, Freud se pergunta qual é o valor das idéias religiosas. Propõe que a civilização foi criada para defender o homem contra as ameaças da natureza, acrescentando que, além das ameaças naturais, o homem enfrenta ainda muitos outros sofrimentos advindos das doenças e do penoso enigma da morte. Tudo isso leva à sua mente a sua fraqueza e desamparo. Dizia ele:

A civilização não se detém na tarefa de defender o homem contra a natureza, mas simplesmente a prossegue por outros meios. [] A auto-estima do homem [] exige consolação; a vida e o universo devem ser despídos de seus terrores. Muito já se

conseguiu com [] a humanização da natureza. [] O desamparo do homem, porém permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm a tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (FREUD, 1974a, p. 27-29)

Para ele, as idéias religiosas passaram por um longo processo de desenvolvimento ao longo das diversas civilizações se constituindo como a própria cultura, de forma que, cada ser humano, ao nascer, já encontra essas idéias prontas, recebe de presente como uma herança dada pela civilização, pois ele “não seria capaz de descobrir por si mesmo (1974a, p. 33)”. A mãe, que alimenta, também fornece a primeira proteção contra as ameaças do mundo externo e contra a ansiedade sentida pelo bebê. Logo a seguir, o pai ocupa a função e é a partir da memória dessa proteção infantil que o ser humano busca a Deus, como uma figura substitutiva do pai, para lhe fornecer o amparo de que continua a precisar vida afora. Para Freud,

“As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença”. Visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas. Quem quer que nada conheça a respeito delas é muito ignorante, e todos que as tenham acrescentado a seu conhecimento podem considerar-se muito mais ricos. (FREUD, 1974a, p. 37)

Esclarece Freud, que os ensinamentos exigem uma crença em seu conteúdo, entretanto as idéias religiosas não resultam da experiência dos mais antigos, não são passíveis de verificação e não aceitam questionamentos. Portanto, nem ensinamentos são, essas idéias, de fato, “são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade” (1974a, p. 43). Sua força, na verdade, é a força de tais desejos. O que leva Freud a concluir que “seria muito bom se existisse um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior (1974a, p. 46)”, deixando claro que o Deus dos crentes não passa de uma ilusão, advinda do desejo de proteção.

1.2 Visão da psicanálise Winnicottiana

Donald Woods Winnicott, originalmente médico pediatra, tornou-se psicanalista com ampla clientela entre 1950 e 1970, tendo reformulado e cunhado novos conceitos. Embora tenha recebido formação religiosa e sendo ele mesmo membro da igreja metodista, não fez teorização e nem trabalhou especificamente sobre a religião, contudo, muitos de seus conceitos, como os relativos ao objeto transicional e aos fenômenos da transicionalidade, são

bastante utilizados atualmente nas elaborações sobre a questão religiosa. Avançou na concepção da constituição da subjetividade a partir da intersubjetividade. Como discípulo de Melaine Klein, acreditava nas relações objetais para a constituição e desenvolvimento do indivíduo, abandonando a noção de pulsão tão importante para Freud.

Para ele, o ambiente é crucial na formação do ser; ampliou o conceito de mãe, de forma a se tornar o ambiente-mãe², incluindo aí tudo o que circunda o bebê nos primeiros momentos de sua vida. O bebê vem de um estado de unidade com a mãe desde antes do nascimento, onde tudo é sentido e experimentado como seu ‘eu’, até que, com alguns meses de vida, começa a identificar um ‘não-eu’, para então, em seu processo de desenvolvimento, vir a existir como ‘algo externo e separado’. O objeto transicional surge na vida do recém-nascido como uma forma de ajudá-lo a se separar da mãe, com quem se encontrava fundido, em seu psiquismo. Winnicott criou os termos

‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência [...] entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto [...] {}, objetos que não fazem parte do corpo do bebê, embora ainda não sejam plenamente reconhecidos como pertencentes à realidade externa (WINNICOTT, 1975, p.14).

O psicanalista inglês está interessado nesta ocasião na primeira possessão do bebê, algo que ele ‘cria’, a partir da ilusão. E ilusão aqui tem uma conotação totalmente nova e positiva, que nada tem a ver com a visão de Freud. Para ele, constitui-se nesse momento uma área intermediária de experimentação, onde entra tanto a realidade interna como a externa, sendo objeto transicional o “termo que descreve a jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade (WINNICOTT, 1975, p.19)”. Postula que é crucial para o bom desenvolvimento do recém-nascido mais que a simples presença da mãe, a sua atitude, entendendo aqui que não se trata meramente da mãe biológica e sim do que Winnicott chama de mãe suficientemente boa.

Mãe suficientemente boa é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma a adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração. [...] A adaptação da mãe às necessidades do bebê [...] dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar. (WINNICOTT, 1975, p.25/27)

²O conceito da mãe como ambiente, refere-se à pessoa da mãe e sua atitude desde antes do nascimento como durante todo o desenvolvimento do bebê, mas também inclui o pai, irmãos, outros membros da família, a sociedade e o mundo em geral (ABRAM, 2000, p.41).

Portanto, a mãe adotiva pode ser uma mãe suficientemente boa, enquanto a biológica pode não vir a sê-lo, pois o que importa é a identificação e o devotamento da mulher ao neném, cabendo a ela a tarefa de propiciar a oportunidade para a ilusão (através do *holding*, do toque e da apresentação do objeto), assim como para a desilusão, (por meio da frustração) o que levará o bebê ao amadurecimento.

A experiência de confiar vem da maternagem suficientemente boa exercida desde os primeiros momentos da existência, o que permite ao bebê se afastar da mãe sem medo de perder o amor dela. Deriva daí uma espécie de matriz relacional, base para as futuras relações, pois os objetos transicionais continuarão a fazer ponte entre o subjetivo e o objetivo por toda a biografia do ser humano. Segundo Winnicott, trata-se de uma experiência mantida pela vida inteira, na “experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador (1975, p. 30)”.

É clara a relação entre a experiência de confiabilidade estabelecida na primeira infância com a mãe suficientemente boa e a capacidade do indivíduo adulto de se aproximar do conceito e da experiência de Deus. Pois ,

A uma criança que desenvolve a “crença em” pode-se transmitir o deus da casa ou da sociedade que aconteça ser a sua. Mas para a criança sem nenhuma “crença em”, Deus é na melhor das hipóteses um truque do pedagogo, e na pior das hipóteses uma peça de evidência para a criança à qual falta em relação à figura dos pais confiança no processo de maturação da natureza humana e cujos pais têm medo do desconhecido. (WINNICOTT, 1983, p. 88/89)”.

Portanto, para Winnicott, a capacidade de crer é uma aquisição basilar; usa a expressão crença em..., assim seguida de pontinhos, como possibilidades a serem completadas com diferentes objetos, podendo vir a ser crença em *Deus*, crença em um futuro promissor, crença em um outro ser humano, etc. Os objetos que completam a sentença podem variar e são secundários o importante é a crença. O que é primário e possibilita o surgimento da crença (entendida como confiar no outro, sem necessariamente remeter ao grande outro) é o ambiente-mãe, antes mesmo da mãe emergir como “objeto” propriamente dito, sendo a confiabilidade o atributo primário da crença.

1.3 A visão da psicanálise contemporânea

A partir de Freud e Winnicott, a psicanalista latino-americana Ana-Maria Rizzuto pesquisa como se forma e desenvolve a representação de Deus no psiquismo humano. Faz uma análise crítica da obra de Freud. Segundo ela, com a teorização sobre o processo genético

da crença, o criador da psicanálise edificou um terreno sólido para a teoria de relações objetais, entretanto, deixou um lapso ao tratar da *imago* e das idéias religiosas. Em *Totem e tabu*, tentando explicar o processo de como se cria e transmite o tabu ou as crenças religiosas, Freud discorre sobre as “imagens mnêmicas”. Já no texto posterior, *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, Freud chama de *imago* às imagens “firmadas nos primeiros 6 anos de vida” a partir das relações estabelecidas “com os pais e irmãos e irmãs (1974n p.287)”, ou seja, o mesmo que as imagens mnêmicas descritas anteriormente, agora um conceito já mais elaborado. Entretanto, no texto *O futuro de uma ilusão* não aparece mais *imago* e nem memórias mnêmicas e Freud se refere às idéias religiosas, como aquilo que dá origem à crença.

Explica ela que Freud dá a entender que *imago* e idéias religiosas são a mesma coisa. Entretanto, trata-se de procedimentos distintos “...idéia de Deus {idéias religiosas} e *imago* e representação de Deus são processos que se dão em níveis muito diferentes na *psyche* humana e pertencem a duas diferentes condições de abstração (RIZZUTO 1979, p. 28 [tradução minha])”. Esclarece que a idéia de Deus se refere a um processo secundário, onde pode entrar a *imago* de Deus vinda da relação infantil, mas não necessariamente, pois trata-se da elaboração de um pensamento abstrato. Já a *imago* de Deus remete a um processo puramente emocional, vindo das relações primeiras, estabelecidas num estágio muito precoce. Embora Freud passe uma certa confusão ao se referir aos dois processos como similares, a pesquisadora enfatiza o seu legado sobre a descoberta de que o humano é um ser “objeto-relacionado”, para ela, uma das maiores contribuições para o entendimento do homem. Foi ele quem postulou sobre “...{o} uso do homem das *imagos* precoces e representações objetais durante toda a vida, sua dependência das relações com o objeto e, não menos importante, a sua religiosidade, com uma atividade objeto relacionada (RIZZUTO, 1979, p. 28/29 [tradução minha])”.

Como já vimos, para Freud a crença se deve à relação entre pai e filho. “A psicanálise [...] ensina-nos [...] que o deus de cada um [...] é formado à semelhança do pai, que a relação com Deus depende da relação com o pai em carne e osso e oscila e se modifica de acordo com essa relação e que [...] Deus nada mais é que um pai glorificado (FREUD 1974j, p.175/176)”. Embora Freud fale da *imago* do pai como geradora da crença, ao declarar que “O próprio Deus, em última análise, é apenas uma exaltação dessa imagem do pai, tal como é representada na mente durante a mais tenra infância (FREUD,1974n, p. 287)”, não chega a desenvolver suficientemente essa proposição. Segundo ele, “os começos da religião, da moral da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo (FREUD 1974j, p.185)”.

Winnicott trabalhou arduamente para desvendar “o mundo do bebê”, tendo chegado à formulação sobre a origem da crença que, para ele, acontece a partir da relação estabelecida entre o lactante e as pessoas que cuidam dele (geralmente a mãe). Enfatizou a importância do período transicional para a relação de confiança, tendo devotado esforços para “traçar o desenvolvimento da representação de Deus (RIZZUTO, 1979, p. 38)”.

Após percorrer a teoria psicanalítica, Rizzuto conclui que a formação da imagem de Deus não depende do conflito edípico, como imaginava Freud. Por tratar-se de um processo de representação de uma relação-objeto, depende da configuração emocional do momento em que se deu a representação. A partir disso, busca entender qual é a necessidade psíquica que leva o ser humano a conceber a representação de um ser não experimentado e para o qual tanto poder é atribuído. A partir da análise dos dados da psicanálise com crianças pequenas e da teoria, concluiu que:

... enquanto o homem puder seguir sua noção de casualidade ao seu fim e ter suas questões respondidas por seus pais, toda criança humana terá alguma representação precária de Deus feita da sua representação parental. [...] E se o homem continuar a precisar da fantasia criativa para moderar seus anseios por objetos, seus medos, seus desapontamentos com suas limitações, ele continuará a criar deuses. [...] nós necessitamos de nossos objetos do começo ao fim [...], eles combinam o mistério de sua realidade e nossa fantasia. Enquanto esse paradoxo permanece uma característica essencial do ser humano, deuses continuarão a ser criados, e a natureza e o mundo continuarão a ser personalizados não importa quanto esforço “progressista” nós façamos para computadorizar cada canto do universo. O ideal de Freud do homem sem ilusão terá que esperar por um novo tipo de ser humano, talvez uma nova civilização (RIZZUTO, 1979, 52/53 [tradução minha]).

A representação “fala” da capacidade do ser humano de simbolizar, de criar o objeto que está ali na sua frente, esperando para ser criado, conforme Winnicott. Trata-se de algo que se dá muito cedo na vida, mas nos acompanha a vida toda, geralmente de maneira inconsciente, sendo a própria existência dependente da realidade fictícia que o homem cria e inventa todos os dias para enriquecer o seu mundo e dar sentido à sua vida.

Rizzuto entende que a representação de Deus resulta da relação de confiança estabelecida com o lactante, podendo mesmo se concluir que “Deus, psicologicamente falando, é um objeto transicional ilusório (RIZZUTO, 1979, 177 [tradução minha])”. Ilusório porque sua base não é um objeto real, diferentemente do que acontece com os objetos transicionais regulares, em que algo como um pedaço de cobertor usado ou um ursinho de pelúcia velho serve como depositário do afeto do bebê, estabelecendo com ele uma intensa ligação. No caso de Deus, “ele é criado a partir do material representacional cujas fontes são as representações dos objetos primários (RIZZUTO, 1979, p.178 [tradução minha])”. Além

disso, trata-se de um objeto transicional especial, porque, enquanto os objetos transicionais perdem sua importância com o passar do tempo, se tornando descatectizados, Deus vai se ganhando mais catexia durante os anos pré-genitais, chegando ao “most appealing moment”³ no pico da vivência do Édipo, entre os 3 e os 5 anos de idade. Com esse achado, Rizzuto se aproxima novamente da descoberta freudiana, que percebeu a grande ligação da crença com o complexo de Édipo. A psicanalista esclarece que a ligação da crença com o Édipo remete a um momento secundário na sua constituição, tendo a formação da representação acontecido em uma fase bem anterior, acrescentando que, dependendo de como se dá a solução da crise do Édipo, a representação de Deus ganha diferentes arranjos no psiquismo do jovem e do adulto. De qualquer forma, “através da vida Deus permanece como um objeto transicional, ganhando alavancagem consigo mesmo, com outros e com a própria vida (RIZZUTO, 1979, p. 179 [tradução minha]).” Portanto, o processo de criar e encontrar a Deus nunca cessa, trata-se de um artifício que faz parte da própria demanda de desenvolvimento do ser humano ao longo de toda a sua vida, desde o nascimento até a morte.

2 Crença e fé

Os conceitos de narcisismo e complexo de castração são peças fundamentais nos desenvolvimentos de Octave Mannoni e Elisa Cintra, sobre crença e fé.

O narcisismo primário refere-se ao momento em que a criança toma a si mesma como objeto sexual, antes de escolher outros objetos exteriores, enquanto o narcisismo secundário se caracteriza por um retorno da libido⁴ ao ego após ter sido investida em objetos externos, ou seja, os investimentos libidinais são retirados do mundo exterior e reconduzidos ao ego, “é o retorno do narcisismo infantil, primitivo, original, afirma Freud no ensaio *A teoria da libido e o narcisismo* (1974c, p.495)”.

Segundo Freud, na *introdução sobre o narcisismo* (1974b, p.117), “o desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário [...] afastamento ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.” Essa imposição que vem de fora, tem a ver com o complexo de castração, tema que aparece pela primeira vez nos escritos *Sobre as teorias sexuais das crianças*, de 1908. Freud diz que as crianças pequenas não fazem diferença entre os sexos, acreditando que todos, inclusive as mulheres, têm um pênis. Ao perceberem que elas

³ traduzindo a fala da autora most appealing moment, como momento mais atraente

⁴ Segundo o dicionário Roudinesco, a palavra Libido foi usada por Freud para designar a pulsão sexual na vida psíquica.

não o possuem, de imediato negam a sua percepção. A falta é entendida como resultado de castração da mulher, o que ameaça o menino de ser também castrado. Assim se constitui o complexo de castração, que normalmente é mantido fora da consciência, pois “será subsequentemente lembrado com grande relutância pela consciência (FREUD, 1974g, p. 220)”. Torna-se assim um fantasma ou fantasia mantida inconsciente no psiquismo, sendo comprovada a sua existência pela experiência analítica.

Em *Inibições, sintomas e ansiedade*, de 1926, Freud já ampliou bastante sua compreensão a respeito do complexo de castração. Fala da ansiedade diante de situações de perigo, configurando-se como ameaça de perder algo importante. A primeira perda se dá no nascimento, depois, a perda da mãe como objeto, a ameaça da perda do pênis na fase genital, o perigo ligado ao poder do próprio superego e o último perigo liga-se à perda da própria vida, pertinente com o medo da morte. Os perigos levam ao desamparo mental, agindo o temor da castração em todas as situações subsequentes de perda como substitutas da situação original de perigo da “perda de um objeto valioso”, esclarecendo Freud que, mais que o objeto em si, a ansiedade deve-se ao medo de “perder o amor do objeto (1974h, p.167)”.

A ligação do complexo de castração ao narcisismo se deve ao fato de que é exatamente a castração a imposição vinda da realidade externa sobre a satisfação do desejo que quebra a onipotência do sujeito, afastando-o do narcisismo primário e abrindo espaço para o estabelecimento de uma relação com o outro, que passa então a ser considerado. E assim, o ideal do ego (ou superego), que “é o herdeiro do complexo de Édipo (FREUD, 1974d, p.51)” vem como uma forma de não renunciar à perfeição narcisista de uma vez por todas, de forma que o indivíduo “[...] projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (FREUD,1974b, p. 111)”.

Resumindo, pode-se dizer que, enquanto o narcisismo primário compreende as idealizações, a onipotência, o eu ideal, a imagem corporal, o imaginário, e se alimenta do narcisismo e da imagem dos pais, o narcisismo secundário compreende o ideal do eu, a identificação com o outro, a lei e o simbólico. Sendo que, em proporções maiores ou menores, tanto o narcisismo primário como o secundário acompanham o sujeito normal vida afora.

O psicanalista Octave Mannoni, no texto *Eu sei... mas mesmo assim* desenvolve um estudo sobre a crença e a fé, a partir dos estudos empreendidos com dados da etnografia dos índios norte-americanos hopi. A partir do livro de Talayesva, *Soleil Hopi* sobre o uso das Kacinas, busca um exemplo para confirmar a proposição de que a crença pode ser abandonada e conservada ao mesmo tempo, na medida que passa pelo desmentido da

realidade e se transforma, em um remanejamento da autoridade parental. Mostra que as crenças remetem à época mítica da infância e são atreladas à importância da palavra dos adultos para as crianças.

Segundo o relato de Talayesva, os adultos da comunidade hopi participam de um ritual em que dançam usando máscaras, levando as crianças a acreditarem que são espíritos. Quando as crianças atingem os 10 anos de idade passam por um processo de iniciação em que os pais e tios revelam suas identidades por detrás das máscaras. A partir daí ocorre uma mudança na crença delas, que pode ser expressa pela frase “eu sei que as Katcinas não são espíritos, são meus pais e tios, mas mesmo assim as Katcina estão ali quando meus pais e tios dançam mascarados”. Para Mannoni, com a iniciação acontece uma mudança da crença infantil, que foi desmentida, para continuar sua existência de forma adulta, significando que alguma coisa passou para o outro lado (a própria definição de iniciação tem a ver com isso), uma vez que, depois de saber a “verdade” a respeito das Katcinas, que não são espíritos, como acreditavam antes, mas sim seus tios e pais disfarçados, e elaborar a decepção, passam para o lado dos adultos, tornando-se elas agora encarregadas de manter o segredo e participar do ritual mágico para as crianças menores (MANNONI, 1973, p.13-17).

Segundo o psicanalista, a frase “eu sei mas mesmo assim” se explica pelo desejo,

“...sem dúvida, no fim das contas, a crença se explica pelo desejo, banalidade que já está nas fábulas de La Fontaine... A descoberta de Freud é que o desejo age à distância sobre o material consciente e faz com que se manifestem aí as leis do processo primário: a *Verleugnung*⁵ (pela qual a crença continua após o repúdio) se explica pela persistência do desejo e as leis do processo primário” (MANNONI, 1973, p.22-23).

A frase “o desejo age como que a distância”, significa que o desejo, que está no inconsciente, atua no consciente da pessoa, fazendo com que ela aja sem saber porque, ou seja, conscientemente a pessoa sabe, mas o saber não atingiu o inconsciente dela, assim é que a crença pode se manter sem que o próprio sujeito consinta ou dela saiba, como no caso das crenças irracionais e das crenças inapreensíveis para o sujeito.

A noção de *Verleugnung* vem de Freud, ao afirmar que “o fetiche é um substituto para o pênis”, referindo-se ao processo de desenvolvimento da criança, quando ela se depara com o fato de que a mãe não tem pênis e rejeita sua percepção, acreditando ter sido ela castrada e temendo acontecer o mesmo consigo. Conforme Freud (1974m, p.181), “Não é verdade que, depois que a criança fez sua observação da mulher, tenha conservado inalterada sua crença de

⁵ Na obra de Freud, mecanismo de defesa conhecido como recusa, segundo o vocabulário de psicanálise, de Laplanche e Pontalis.

que as mulheres possuam um falo. Reteve essa crença, mas também a abandonou”. Diante do conflito estabelecido entre sua percepção da realidade e de seu contradesejo, a solução encontrada pela criança é abandonar a crença que tinha, entretanto retendo algo dela, ou seja, muda a sua crença para preservá-la. O enunciado ficaria assim: “Em sua mente a mulher teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto (FREUD, 1974m, p.181).” Mannoni, em sua leitura do processo de castração feminina sobre a mudança que acontece na crença, trabalha com a idéia que a crença primária permanece de maneira inconsciente, retendo sua força original, de forma que, ao repudiar a verdade, continua a acreditar naquilo que se acreditava antes, embora conscientemente a pessoa possa acolher a verdade e dar crédito a ela. A transformação se dá quanto ao procedimento que mantém a crença; antes era através de um processo e depois através de outro, os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico⁶. Conforme definido por Freud, enquanto o processo primário caracteriza o sistema inconsciente, o processo secundário caracteriza o sistema pré-consciente-consciente. O acreditar da criança pequena acontece a partir de um sistema inconsciente, no qual prevalece o princípio do prazer e o acreditar da criança que “já sabe da verdade” é mediada pelo seu ego, que opera segundo o princípio da realidade. Isso significa que há uma mediação e um controle da energia psíquica visando o equilíbrio e o bom funcionamento do sistema, e é aí onde entra o mecanismo de defesa conhecido como *Verleugnung* ou recusa, que tem a importantíssima função de adaptação à realidade.

Dessa forma, a crença é ao mesmo tempo abandonada e conservada, ou seja, ela é transformada “...a crença, abandona sua forma imaginária, se simboliza para se abrir para a fé, isto é, para um engajamento” (MANNONI, 1973, p. 17). Ou seja, antes tinha uma crença infantil, imaginária, depois da iniciação se dá a simbolização e isso permite o engajamento do indivíduo nos próprios ritos. A essa crença simbolizada que se abre para o engajamento o psicanalista caracteriza como fé.

Embora dizendo que os problemas relativos à fé religiosa são de outra natureza, Mannoni, com a análise que faz sobre a iniciação dos jovens hopi, chega ao cerne da verdadeira natureza da fé. Encontra a ligação entre a crença e a fé, pois sabendo que tanto “a fé como a crença são ambas feitas da palavra de outrem” e que “a fé sempre seja misturada de crença”, consegue estabelecer uma distinção entre elas, para então concluir que “A história de

⁶ Os dois modos de funcionamento do aparelho psíquico diz respeito ao processo primário e ao processo secundário. Conceito dos mais fundamentais de Freud, presente em sua obra desde *A interpretação dos sonhos*, de 1900 a 1901.

Talayesva é a historia de todo mundo, normal ou neurótico, hopi ou não. Afinal de contas vemos, nós próprios, como, não encontrando nenhum sinal de Deus no céu, instalamo-lo nos céus, por uma transformação análoga à dos hopi (MANNONI, 1973, p.18)”, conclui o psicanalista.

A psicanalista Cintra busca o texto *Eu sei... mas mesmo assim*, de Mannoni, para trabalhar sobre a questão da crença *versus* a questão da fé, a partir desse processo de transformação sobre a crença. Diz ela:

Chamo de fé essa segunda edição da capacidade de iludir-se e da crença em figuras divinas e angelicais, capazes de garantir a segurança e a cura dos males e do adoecimento: ocorreu aí inegável desmistificação do caráter absoluto da autoridade que pais e deuses detinham na primeira infância.. A “morte de deus e do pai” são sempre as melhores metáforas da necessária transformação do sentimento de onipotência que deve ser superado na infância e pelo resto da vida. A crença em uma figura divina e paterna entretanto renasce transformada. No lugar da idealização do pai como um personagem especial, passa-se a pensar nele como “aquele em nome de quem” pode então consolidar-se a fraternidade, a promessa, o projeto, a abertura ao futuro, o pacto social e a expectativa de cura e salvação. Em termos psicanalíticos, esse processo é comparável à necessidade de viver a morte narcísica (do narcisismo primário), entrar no complexo de castração, experimentar a perda da integridade de si, mas mesmo assim... ..acabar constituindo um Ideal do Eu (narcisismo secundário), que contém ainda a promessa de alguma integridade narcísica[...] A necessidade de vivenciar a morte narcísica me faz lembrar um curto texto bíblico: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á e quem perdê-la por causa do meu nome, recuperá-la-á”. “Perder a vida” pode ser entendido, nesse contexto, “abrir mão do modo onipotente e controlador de apropriar-se de si mesmo e do outro”, abrir mão “de tudo compreender e possuir” e dos ideais megalômanos da infância (CINTRA, 2004, p. 47/48).

Cintra aprofunda a compreensão de Mannoni sobre a crença usando os conceitos de narcisismo primário e secundários de Freud, de forma a explicar a diferença entre o primeiro processo, que seria o da crença infantil e o segundo processo em que se estabelece a fé adulta. A morte ou ferida narcísica, vinda da complexo de castração, foi expandida para representar todas as perdas narcísicas, que continuam infligindo danos ao sentimento de onipotência ao longo da vida. Cintra deixa claro que não é fácil aceitar a castração. Propõe que, com a idéia de um Deus onipotente, busca o homem ao longo da história uma forma de restaurar o seu narcisismo ferido.

A partir disso, pode-se pensar que as crenças instituídas ao longo da história da civilização estiveram sempre ligadas ao narcisismo ferido e precisando de restauração. Pode-se constatá-lo por intermédio dos deuses que encarnavam a onipotência e a autonomia, que proporcionam a fartura e a riqueza, os deuses da fecundidade da terra e das pessoas, os que garantem a potência sexual e a força física, os que trazem a chuva para que os campos possam verdejar. Eles estão sempre a serviço de restaurar os ideais de um narcisismo fálico, cuja aspiração

última é atingir de maneira absoluta todos os bens desejáveis. Penso que tais deuses sempre foram objeto da “crença”, uma vez que o desejo insaciável de satisfação – necessidades, pulsões e aspirações narcísicas – volta-se naturalmente para os deuses que prometem dizer “sim” a todas as formas de prazer e aumentar a força e os poderes valorizados pelo grupo social (CINTRA, 2004, p. 49).

Essa visão fala da crença infantil, em que a onipotência da criança é projetada em Deus, a serviço de restaurar seu narcisismo ferido. Já a fé, destaca Cintra que ela nada tem a ver com a existência ou não de deuses, e sim com a decisão e o engajamento irrestrito em um projeto ético. A fé exige acolher a castração, coisa que não acontece na crença, de forma que o indivíduo, impotente, há de se abrir para o outro de um jeito novo. O outro não mais a seu serviço, mas o outro enquanto alteridade, com suas próprias necessidades e desejos.

As crenças fortalecem e dilatam a auto-imagem - a fé desaloja, abre espaço e põe em marcha um projeto temporal. Se as crenças se constroem para manter e fortalecer os ideais do narcisismo fálico, por outro lado a fé envolve um processo de esvaziamento e desprendimento parcial desses ideais. Não se trata de um processo de destruição completa, mas de uma transformação que envolve mutilação simbólica (como na circuncisão) e relativização dos poderes para “abrir-se para a alteridade”. A experiência da fé envolve o sacrifício de parte das aspirações pulsionais e narcísicas, envolve sublimação, e, portanto, um trabalho de simbolização. Ela exige abertura de espaço para a alteridade do outro com suas necessidades e coloca em marcha o interminável trabalho de existir com e contra “os outros” (CINTRA, 2004, p. 50/51).

O axioma usado por Mannoni (1973, p. 34), “A crença supõe que outro a sustente”, reforça a idéia da questão narcísica, pois o outro a sustenta para si. Embora isso, Mannoni (p.14) diz também que “...a fé e a crença são ambas feitas da palavra de outrem” entende-se, portanto, que a palavra do outro, no caso da fé, ocupa um outro lugar, ao que Cintra completa; a fé envolve transcender o primeiro narcisismo, o poder fálico, se esvaziando e abrindo espaço para a alteridade, para o “estrangeiro”, o inesperado e capaz de engendrar o novo, “descobrir aquela paixão pela ‘alteridade’ e a possibilidade de investir o que é diferente de si, reencontrar a época perdida em que se podia viver sem que a coisa mais importante do mundo fossemos nós mesmos (CINTRA, 2004, p. 53)”.

Entende-se que o surgimento da fé é algo muito especial para o ser humano, pois evolui não só essa abertura para o outro, para o novo, enfatizando a professora Cintra a sua importância na construção da própria subjetividade, em que mesmo a saúde, a alegria, o sentido de viver e a capacidade de amar dependem desse amadurecimento que implica no despojamento de si.

Conclusão

A psicanálise fornece uma boa explicação sobre a constituição da crença no psiquismo humano e seus posteriores desenvolvimentos. É crucial a relação do bebê com as pessoas que cuidam dele, pois é partir daí que se cria a representação do outro. Representação nomeada de imago por Freud, mas que coube a Winnicott explorar. Freud via a crença como derivada da relação do pai-filho, com foco na crise do Édipo. Para ele, a crença era uma ilusão nascida do desejo de proteção. Já Winnicott encontrou as raízes da crença na relação do bebê com a “mãe suficientemente boa”, pessoa devotada ao lactante, gerando nele uma confiança básica, fundamental para se tornar um ser humano saudável, capaz de ter profundidade ao apreciar a experiência cultural em geral, as artes e a religiosidade, sendo a relação com Deus proveniente dessa relação primeira. Rizzuto, com sua pesquisa em crianças pequenas, comprova o achado winnicottiano e enfatiza a importância da simbolização, consequência da capacidade humana de representação, algo inerente ao ser humano, dela dependendo sua saúde e a alegria de viver num mundo que ele constrói e dá sentido. Freud acreditava que a crença era algo infantil e sem valor, sendo tarefa do ser humano amadurecer e superar as ilusões, provavelmente por isso não tenha chegado à formulação sobre a fé que os psicanalistas Mannoni e Cintra conseguiram elaborar com as teorias e conceitos estabelecidos por ele. O mestre tinha questões pessoais que envolviam a religião, provavelmente devido a isso não tenha descoberto a fé, o lado adulto da crença.

Referências

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Tradução de SILVA, M. RJ: Revinter, 2000

CINTRA, Elisa M. U. *A questão da crença versus a questão da fé: articulações com a Verleugnung freudiana*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 43-56, jun. 2004

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. Salomão. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. v. XXI, p. 15-71. [original publicado em 1927]

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. Salomão. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. v. XIV, p. 83-119. [original publicado em 1914]

_____. A teoria da libido e o narcisismo (XXVI Conferência). Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974c. vol. XVI, p. 481- 521. [original publicado em 1916-17 (1915-17)]

_____. *O ego e o id*. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard*

brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974d. vol. XIX, p. 11-76. [original publicado em 1923]

_____. A interpretação dos sonhos. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974e. vol. IV e V. [original publicado em 1900-01]

_____. Três ensaios sobre da teoria da sexualidade. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974f. vol. VII, pp. 118-224. [original publicado em 1905]

_____. Sobre as teorias sexuais das crianças. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974g.v IX p. 209-228. [original publicado em 1908]

_____. Inibições, sintomas e ansiedade, Freud. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974h.v XX p. 95-198. [original publicado em 1926(1925)]

_____. Moisés e o monoteísmo, Freud (1939). Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974i.v XXIII p.13-156. [original publicado em 1939]

_____. Totem e Tabu, Freud (1913). Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974j.v XIII p. 13-193. [original publicado em 1913]

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974k. V. XI p. 53-124. [original publicado em 1910]

_____. O caso Schreber. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974l. V.XII p. 13-108. [original publicado em 1911]

_____. Fetichismo. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974m. v.XXI p. 175-185. [original publicado em 1927]

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. Tradução de J. O. A. Abreu. In: J. SALOMÃO. (Org) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974n. v.XIII p. 285-288. [original publicado em 1914]

GURFINKEL, Decio. *Fé perceptiva e experiência da realidade*. Revista natureza humana, 3(1): 141-173, jan.-jun. 2001

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. 3 ed. Santos: Martins Fontes, 1970

MANNONI, O. Eu sei mas mesmo assim... in:*Chaves para o Imaginário*. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1973

RIZZUTO, A. M. *The birth of the living God. A psychoanalytic study*. Chicago-London: The University of Chicago Press: 1979

WINNICOT, D.W. *O Brincar e a Realidade*. RJ: Imago, 1975

_____. Moral e educação. In WINNICOTT, D.W. *O Ambiente e os processos de maturação*. Trad. Irineo Constantino S. Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 88-9